

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

SUZY MARIA CARNEIRO DA ROCHA

**O EXCESSO DE CONTEMPLAÇÃO DOS SUJEITOS NO INSTAGRAM COMO
UMA POSSÍVEL ATUALIZAÇÃO DO MITO DE NARCISO**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

SUZY MARIA CARNEIRO DA ROCHA

**O EXCESSO DE CONTEMPLAÇÃO DOS SUJEITOS NO INSTAGRAM COMO
UMA POSSÍVEL ATUALIZAÇÃO DO MITO DE NARCISO**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Raul Max Lucas da Costa

SUZY MARIA CARNEIRO DA ROCHA

**O EXCESSO DE CONTEMPLAÇÃO DOS SUJEITOS NO INSTAGRAM COMO
UMA POSSÍVEL ATUALIZAÇÃO DO MITO DE NARCISO**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 06/12/2024

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Raul Max Lucas da Costa

Membro: Prof. Dr. Francisco Francinete Leite Júnior

Membro: Profa. Me. Indira Feitosa Siebra de Holanda

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

O EXCESSO DE CONTEMPLAÇÃO DOS SUJEITOS NO INSTAGRAM COMO UMA POSSÍVEL ATUALIZAÇÃO DO MITO DE NARCISO

Suzy Maria Carneiro da Rocha¹
Raul Max Lucas da Costa²

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar, à luz da clínica psicanalítica, se o excesso de contemplação dos sujeitos no Instagram pode ser uma atualização do mito de Narciso. Em “Metamorfoses”, Ovídio (2017) narra o clássico mito de Eco e Narciso, aquele destinado a viver até “conhecer a si próprio” e que, ao contemplar sua imagem refletida nas águas do lago e enamorar-se de si mesmo, ali permaneceu até à morte. O método adotado foi de delineamento qualitativo e descritivo. É uma revisão narrativa da literatura, publicada em fontes impressas e virtuais, disponíveis nas plataformas Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia (BVS-PSI), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, Scientific Electronic Library Online – SciELO, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, dentre outras. A experiência da autora no estágio clínico supervisionado, a partir da abordagem da Psicanálise, fez emergir o desejo de que os resultados aqui apresentados possam validar a identificação de conversões psicológicas, manifestadas pelo excesso de exposição dos sujeitos no mundo virtual, sobretudo, no Instagram. Os resultados deste trabalho, permite-nos afirmar que o mito de Narciso está sendo atualizado através do excesso de contemplação dos sujeitos no Instagram.

Palavras-chave: Mito de Narciso; narcisismo; Psicanálise; Instagram; mundo virtual.

ABSTRACT

This research aims to analyze, in the light of the psychoanalytic clinic, whether the excessive contemplation of subjects on Instagram can be an update of the myth of Narcissus. In “Metamorfoses”, Ovid (2017) narrates the classic myth of Echo and Narcissus, the one destined to live until he “knows himself” and who, when contemplating his image reflected in the waters of the lake and falling in love with himself, there remained until his death. The method adopted was one of qualitative and descriptive design. It is a narrative review of the literature, published in printed and virtual sources, available on the platforms Virtual Health Library – Psychology (VHL-PSI), Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations – BDTD, Scientific Electronic Library Online – SciELO, National Development Council Scientific and Technological – CNPq, among others. The author's experience in the supervised clinical internship, based on the Psychoanalysis approach, gave rise to the desire that the results presented here could validate the identification of psychological conversions, manifested by the excessive exposure of subjects in the virtual world, especially on Instagram. The results of this work allow us to affirm that the myth of Narcissus is being updated through the excessive contemplation of subjects on Instagram.

Keywords: Myth of Narcissus; narcissism, Psychoanalysis; Instagram; virtual world.

¹Suzy Maria Carneiro da Rocha. Email: rochasuzy610@gmail.com

²Raul Max Lucas da Costa. Email: raulmax@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa objetivou analisar, a partir da literatura e, sob a perspectiva psicanalítica, a possível atualização do mito de Narciso através do excesso de contemplação dos sujeitos. Convém considerar a afirmação de Barthes (2001, p. 199), de que “o mito é uma fala”, justificada pela forma como se profere um discurso. A proposição da pesquisa é norteadada pelo mito do qual deriva o substantivo “narcisismo”. Criado por Paul Näcke e, posteriormente adotado por Freud (1914/2010) para designar um dos mais relevantes fundamentos da Psicanálise, na obra “Introdução ao narcisismo”. Lacan (1966/1998) em seus “*Escritos*”, infere tratar-se da relação erótica na qual o indivíduo se fixa numa imagem que o aliena de si mesmo, à qual chamará de Eu.

Bulfinch (2002, p. 125) postula acerca do momento em que Narciso contempla a imobilidade da imagem refletida nas límpidas águas do lago, à qual em vão devota todas as suas atenções, “ – Por que me desprezas, belo ser? – Meu rosto não pode causar-te repugnância.” E insiste em suas argumentações ao ressaltar que as ninfas o amam e que, mesmo a imagem a que contempla, não parece olhá-lo com indiferença.

Uma vez que o mundo virtual é, atualmente, o mais nítido “espelho” sobre o qual os sujeitos têm se contemplado, produzido e consumido imagens passíveis de ser nada mais que reminiscências de outras representações imagéticas, de forma alienada e alienante, surge a seguinte problemática: “É possível que o excesso de contemplação dos sujeitos seja uma atualização do mito de Narciso?” A justificativa para a escolha do tema é o aumento significativo, nos últimos anos, do número de sujeitos adultos dedicando cada vez mais tempo à contemplação de si mesmos, algumas vezes, conforme amplamente divulgado por autoridades de saúde e meios de comunicação, colocando-se em situações de risco.

Faz-se necessário identificar como os sujeitos têm manifestado o sofrimento causado pelo excesso de contemplação na clínica psicanalítica e em outras instâncias da saúde mental. No campo acadêmico, essa pesquisa pretende estimular a publicação de trabalhos científicos na área da psicologia e da psicanálise, contribuir para o êxito do futuro profissional de saúde no enfrentamento das situações adversas com que se depara no exercício clínico, difundir a psicoeducação e a necessidade da adoção de uma mudança radical na forma como lidar com a “cultura do narcisismo”.

A relação sujeitos *versus* mundo virtual, permissiva e danosa como se apresenta, sobretudo pela falta de uma regulamentação que estabeleça parâmetros, direitos, deveres, mas também penalizações, quando necessário, tem permitido que o ambiente virtual seja um

cenário privilegiado para a disseminação de práticas narcísicas, visto que há um altíssimo investimento subjetivo para os sujeitos envolvidos, principalmente nos âmbitos da saúde mental e de seu funcionamento. Do ponto de vista da relevância social, propõe-se a incentivar o estabelecimento de um novo modelo de relação, que implique na promoção e exercício de pensamento crítico, discernimento, responsabilidade com a produção e divulgação de conteúdos, a fim de fomentar uma relação mais saudável com as plataformas virtuais.

A relevância pessoal desta pesquisa está alicerçada na experiência da autora, durante o estágio clínico supervisionado como estudante de Psicologia, respectivamente, pelo período de um ano no Serviço de Psicologia Aplicada - SPA, do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - Unileão, no município de Juazeiro do Norte-CE, e, por seis meses, no Centro de Apoio Psicossocial - CAPS III, no município de Crato-CE, no qual realizou atendimento a pacientes esquizofrênicos, perversos, narcisistas, psicóticos e depressivos, dentre outros, emergiu o propósito de que os resultados alcançados nesta pesquisa possam validar a identificação os prejuízos e conversões psicológicas dos sujeitos objeto deste estudo. Além de fomentar pesquisas e publicações visando ao desenvolvimento de estratégias de manejo para profissionais da saúde mental no exercício clínico.

Tendo como objetivos específicos, almeja estabelecer uma analogia entre o tempo dispendido pelos sujeitos na contemplação de si mesmos, principalmente no Instagram, com o mito de Narciso; identificar como as convergências psicológicas decorrentes do excesso de contemplação narcísica dos sujeitos tem se manifestado na clínica; e analisar se, a partir do material pesquisado, é possível considerar que o mito de Narciso está sendo atualizado através do excesso de contemplação dos sujeitos.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

A presente pesquisa tem delineamento descritivo e faz uso de métodos qualitativos. Recorrendo a revisão narrativa da literatura, buscou investigar, sob a perspectiva da Psicanálise, a possibilidade de o excesso de contemplação dos sujeitos ser uma atualização do mito de Narciso. Logo, essa pesquisa baseia-se no mito oriundo da obra “Metamorfoses” de Ovídio (2017), nos estudos de Sigmund Freud e Jacques Lacan sobre narcisismo, conceitos fundamentais da teoria psicanalítica como os de Eu, Eu ideal, ideal do Eu, e O estágio do espelho, além da análise de literatura relacionada ao tema.

Tendo sido realizada por meio da análise de material já publicado como livros, revistas, teses, dissertações, e outras fontes impressas e/ou virtuais, dentre as quais as disponíveis nas plataformas Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia (BVS-PSI), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, Scientific Electronic Library Online – SciELO, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e Portal Periódicos da CAPES, com o objetivo de identificar padrões, indícios e insights relevantes ao objeto de estudo. O critério de inclusão englobou e selecionou, de acordo com o tema, as seguintes palavras-chave: Mito de Narciso, Narcisismo, Psicanálise, Instagram e Mundo virtual.

Em referência à metodologia adotada, Marconi e Lakatos (2022), postulam que a pesquisa narrativa, por ser um tipo bem peculiar de produção científica, atualmente é baseada preferencialmente em artigos dessa natureza, por concentrarem conhecimento científico atualizado, de ponta. Livros de leitura corrente e de referência. Para Gil (2012), a pesquisa descritiva tem por fundamento descrever as características de uma população, ou identificar relações entre variáveis. Daí sua alta aplicabilidade na execução de pesquisas e estudos que visam investigar características de grupos específicos, a partir de marcadores como idade, sexo, nível de escolaridade e socioeconômico. Richardson (2015), infere que a pesquisa qualitativa, tem por objetivo compreender detalhadamente os significados e aspectos situacionais mencionados pelos entrevistados, ao invés dos dados mensuráveis das pesquisas quantitativas. Quanto aos critérios de inclusão, foram considerados a fidedignidade do tema dos trabalhos, o que foi produzido no corpo textual, a relevância do título, e a quantidade de referências pesquisáveis e atuais. A análise dos dados foi feita mediante leitura informativa, com fichamentos e agrupamentos de informações, identificadas pela autora como sendo relevantes, em tópicos no artigo seguindo critérios de agregação: similitude e objetivos do trabalho.

2.2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.2.1 Narciso e narcisismo: do mito ao conceito

Narrado e interpretado sob diferentes prismas ao longo dos tempos, O mito de Narciso, será aqui abordado segundo a narrativa mitológica de “Eco e Narciso”, parte integrante da obra “Metamorfoses”, de Ovídio (2017), na qual a ninfa Liríope foi violada pelo deus-rio Cefiso, quando este a abraçou em sua correnteza e a manteve aprisionada em

suas águas. O fruto desse encontro foi um menino de raríssima beleza, a quem a mãe chamou de Narciso. Desconcertada pela deslumbrante beleza do filho, Liríope foi consultar Tirésias, o mais famoso oráculo das cidades da Aónia, o qual, indagado sobre se a criança chegaria a uma velhice avançada, replica: “Se não se conhecer a si próprio” (Ovídio, 2017, p. 52).

Aos dezesseis anos, o belo Narciso já tinha sido assediado por homens e mulheres de todas as idades, que em vão, procuravam conquistar o seu amor, muitos foram os rapazes, moças que o desejaram, “Mas (tão insensível era a soberba naquela beleza tão terna)” que jamais rapazes ou moças o tocaram (Ovídio, 2017, p. 52).

Eco, “a ressonante” uma ninfa condenada por Juno a duplicar o final das frases que ouvia, como castigo por tê-la muitas vezes entretido para evitar que flagrasse as infidelidades de Júpiter, seu esposo. Apaixonada por Narciso, ansiava por um momento com ele para que pudesse revelar seus sentimentos. Certa ocasião, ao avistá-lo vagueando pelos campos ermos, passou a segui-lo e, acreditando-se desejada quando este, sentindo-se perseguido e observado, perguntou “Quem está aqui?”, [...] “Por que foges de mim?”, [...] até que enganado pelo eco das próprias palavras, declara: “Anda, para aqui, vamos!”, ao que Eco responde “Vamos!”, e, saindo imediatamente da vegetação corre para tentar enlaçar-se no pescoço do jovem, é por ele repelida, quando ao fugir, exclama: “Tira as tuas mãos de cima de mim! Antes morrer do que entregar-me a ti!” Nada consegue ela retorquir a não ser “entregar-me a ti!” (Ovídio, 2017, p. 53).

Desprezada, Eco passa a viver nas cavernas vazias, das quais sua voz segue a ecoar. Narciso permanece insensivelmente desprezando a todos, até que uma das jovens brada aos deuses, clamando para que lhe seja permitido amar e não ter o que ama. Sua súplica foi atendida pela deusa Ramnusia. Certo dia, o jovem caçador depara-se com uma fonte de águas límpidas e virginais, jamais tocada por pastores, animais ou mesmo pelos raios de sol e, exaurido pelo fulgor da caça e do calor, fascinado pela beleza do lugar e da nascente, enquanto sacia a sede, vê-se arrebatado pela imagem ali refletida, “Ama uma esperança sem corpo; julga ser corpo o que é água”. Enamorado por si mesmo, fica paralisado, incapaz de se mexer ou desviar o olhar do que para ele, parece uma estátua esculpida em mármore de Paros (Ovídio, 2017, p. 54).

Tendo passado um longo período de tempo sem comer, sem beber, sem dormir, cativo que estava daquele semblante amoroso, do sorriso que imaginava correspondido, Narciso finalmente dá-se conta de que não há respostas às palavras por ele pronunciadas e profere a poética narrativa de seu insight (Ovídio, 2017, p. 56).

[...] Oh! Mas ele sou eu! Percebi! O meu reflexo já não me engana! É por mim que me abraso de amor! Inflijo e sofro estas chamas! [...] E já a dor me subtrai as forças. A morte não me é coisa cruel, pois na morte deixarei a dor, mas ele, a quem eu amo, prouvera que vivesse mais tempo! Agora morreremos os dois juntos, num só último sopro. [...] Reclina então a cabeça cansada nas verdejantes ervas, e a morte cerrou os olhos, admirando a beleza do dono [...] No lugar do corpo, acham uma flor de centro cor de açafraão, cingido de pétalas brancas.

Segundo Pena (2017) ao conhecer a si mesmo, Narciso realizou a metamorfose que cumpriu a profecia de Tirésias, comprovada pelo desenlace da trama, a causa da morte e a insólita loucura. Ele afirma que a versão ovidiana, é a mais extensa de que se tem conhecimento desse mito. Sendo também a que melhor o descreve, e enfatiza a instância psicológica dos sentimentos de Narciso e de Eco. Ademais, Ovídio narra eventos não encontrados em outras versões, como as narrativas do oráculo de Tirésias no momento do nascimento de Narciso e a história de Eco.

Acredita-se que a primeira referência a Narciso é o Hino homérico a Deméter (séc. VII a.C.). Enquanto na tradição grega, os registros literários mais antigos datam do século I, com as *Diegeseis* ou *Narrationes* de Cónon, contemporâneo do imperador Augusto. Outras representações artísticas e literárias posteriores à Antiguidade, como a versão do *Mitógrafo Vaticano* na Idade Média, as famosas pinturas de Nicolas Poussin e de Walter Waterhouse, também representam cenas onde aparecem tanto Eco como Narciso. A longevidade do mito, corrobora sua riqueza literária e antropológica.

2.2.2 O narcisismo como um dos pilares da Psicanálise

O termo “narcisismo” alude ao mito de Narciso e, embora haja discordâncias entre os teóricos acerca de quem e quando o utilizou pela primeira vez na Psicanálise, sabe-se de forma inequívoca, que Freud o adotou formalmente em seu arcabouço teórico, ao postular:

O termo “narcisismo” vem da descrição clínica e foi escolhido por P. Näcke, em 1899, para designar a conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual, isto é, olha-o, toca nele e o acaricia com prazer sexual, até atingir plena satisfação mediante esses atos. (Freud, 1914/2010, p. 14).

Na obra, Freud (1914/2010, p. 81) o designa como uma proteção do aparelho psíquico, promovendo uma integração da imagem corporal de forma tal que o sujeito pode passar a investir libido no próprio corpo, analisando suas dimensões e proporções e descobrindo sua identidade, ao longo de seu desenvolvimento psíquico, ao afirmar tratar-se

de um “complemento libidinal do egoísmo da pulsão de autopreservação, que, em certa medida, pode justificavelmente ser atribuído a toda criatura viva.”

Nasio (1997) traça em linhas gerais, um panorama do desenvolvimento psicosexual do sujeito, a partir do narcisismo primário, um estado não observável diretamente, mas passível de se formular racionalmente, considerando-se a impossibilidade de se comparar o Eu, cujo desenvolvimento é progressivo, bem como, o fato de ser nessa fase que se dão as primeiras experiências de autoerotismo, quando as pulsões parciais procuram, cada qual por si, sua satisfação no próprio corpo, até que o Eu se constitua.

A peculiar dependência do bebê pela mãe, nesse estágio, leva Freud à assunção de que, para o ser humano, os dois objetos sexuais originais são ele mesmo e a mulher que o cria. Nisso consiste o narcisismo primário e seu papel determinante na escolha de objeto. Daí haver dois tipos de sujeitos, quanto à escolha do objeto amoroso, respectivamente, “de apoio”, os que têm a mãe ou quem a substitui como referência, e, “narcísico”, aqueles cuja referência é ele mesmo. Assim, a pessoa ama então, conforme o tipo narcísico: o que ela mesma é (a si mesma); o que ela mesma foi; o que ela mesma gostaria de ser; a pessoa que foi uma parte dela mesma; e, conforme o tipo de apoio: a mulher nutriz; o homem protetor” (Freud, 1914/2010, p. 24).

A reintrodução da questão do originário na teoria psicanalítica, por Freud, particulariza o fato de que ele o faz objetivando evidenciar a idealização projetada no nascimento do filho pelos pais, enquanto retorno de seu próprio narcisismo, nunca abandonado. Trata-se de uma relação narcísica alicerçada na atitude dos pais com “Sua majestade, o bebê”, assim designado graças à posição a ele conferida pelos genitores, a qual notabiliza o entendimento da questão do nascimento para a constituição do Eu freudiano. (Nicéas, 2017, p. 77)

Quanto à relação acerca do olhar dos pais sobre seus filhos, na qual se pode identificar um narcisismo deslocado, que carrega consigo uma marca singular, Freud (1914/2010, p. 25-26) é categórico:

No ponto mais delicado do sistema narcísico, a imortalidade do Eu, tão duramente acossada pela realidade, a segurança é obtida refugiando-se na criança. O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetual revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora.

A passagem do narcisismo primário para o secundário, que é o narcisismo do Eu, infere Nasio (1997, p. 55), se dá quando a libido, que inicialmente se dirige aos objetos

externos (pessoas ou coisas), é retirada desses objetos e redirecionada de volta para o Eu, que é tomado pela libido como objeto.

Numa analogia às diversas possibilidades de distribuição da libido na dinâmica do narcisismo, com base na proposição de que o sujeito acometido por dor orgânica, enquanto sofre, perde tanto o interesse pelo mundo externo quanto o pelo libidinal de seus objetos amados, Freud (1914/2010, p. 18), versa:

[...] Diríamos então que o doente retira seus investimentos libidinais de volta para o Eu, enviando-os novamente para fora depois de curar-se. “No buraco de seu molar”, diz Wilhelm Busch do poeta que sofre dor de dente, “se concentra a sua alma.” Libido e interesse do Eu têm aí o mesmo destino e são de novo inseparáveis.

Sendo assim, o narcisismo secundário é o investimento libidinal (sexual) da imagem do Eu, constituída pelas identificações do Eu com as imagens do objeto. Pode-se inferir que o Eu real é esse momento em que a criança vê a si mesma e à mãe de forma indistinta, como que fusionadas, o qual será cortado pelas imposições da cultura, delineando gradativamente a origem de um Eu ideal “[...] pelo qual mede seu Eu real [...]. Para o Eu, a formação de um ideal seria o fator condicionante do recalque. Esse Eu ideal é agora o alvo do amor de si mesmo desfrutado na infância pelo Eu real” (Freud, 1914/2010, p. 27).

O sujeito, tendo vivido esse primeiro deslocamento do narcisismo para um Eu ideal, experiencia a falta da perfeição narcísica de sua infância e perturbações no seu desenvolvimento que o levam a buscar readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. Conseqüentemente, o que ele assimila como seu ideal é o suplente para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal.

Por volta dos três até aos seis anos de idade, durante seu desenvolvimento psicosexual, a criança experiencia o Complexo de Édipo, teoria apresentada no trabalho intitulado o “pequeno Hans”. Laplanche e Pontalis (1991) postulam tratar-se do desejo inconsciente de uma criança por ter uma relação amorosa possessiva com o genitor do sexo oposto e rivalizar com o genitor do mesmo sexo. Ele geralmente ocorre durante a fase fálica do desenvolvimento infantil e é superado com a identificação da criança com o genitor do mesmo sexo. É essencial para a estruturação da personalidade e a orientação do desejo humano. Sendo considerado pelos psicanalistas, o principal eixo de referência da psicopatologia.

Garcia-Roza (2009, p. 95), destaca que a primeira menção de Freud ao Complexo de Édipo, data de uma carta enviada a Fliess em 15 de outubro de 1897, na qual se lê: “Um único pensamento de valor genérico revelou-se a mim. Verifiquei, também no meu caso, a paixão

pela mãe e o ciúme do pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância” (Freud, 1897, p. 358-359).

A resolução do Complexo de Édipo de “Hans”, se deu por sua inserção na realidade, submissão às interdições, gradual aceitação da figura paterna, através da fantasia por ele criada de tornar o pai avô e fazê-lo casar com a própria mãe.

Ainda no contexto do Complexo de Édipo, uma nova experiência psíquica se instala para a criança, o Complexo de Castração. Chemama (1995), afirma dizer respeito ao medo inconsciente que ela sente, de perder o órgão genital (ou sua função), acreditando que isso seria uma punição por seus desejos edipianos, como a rivalidade com o pai e o desejo pela mãe. Para as meninas, o conceito vai se manifestar como um sentimento de inferioridade, ligado à percepção de não possuir o pênis - a “inveja do pênis.”

Nasio (1997), refere-se à castração como sendo um perigo imaginário, a invenção de um neurótico, da qual ele deve incontestavelmente se afastar, visto ser sempre o medo da castração e nunca a própria castração, a origem de seu sofrimento.

Assim, concluí-se que o Complexo de Édipo revela o desejo incestuoso e o Complexo de Castração, a impossibilidade da realização dos desejos infantis, mediante a imposição de um entreve às intenções da criança em relação a seus genitores. A mãe possibilita a libidinização da criança e o pai opera a castração e a interdição dos primeiros objetos de desejo.

A saída de ambos, compele o sujeito a redirecionar as pulsões de vida e de morte, como estratégia de acomodação às interdições e frustrações a ele impostas, por meio de recursos como a sublimação e a identificação.

Convém ressaltar a análise empreendida neste estudo acerca das relações entre a formação de ideal e a sublimação, as quais não estando separadas, precisam ser explicitadas, em vista de suas distinções conceituais na Psicanálise, a saber: o processo de sublimação atrela a pulsão a uma finalidade que não a satisfação sexual. Nicéas (2017, p. 83), postula “[...] enquanto a idealização, refere-se ao objeto, e por ela, ainda que não haja propriamente uma mudança em sua natureza, torna-se engrandecido e enaltecido pelo sujeito. Contudo, em hipótese alguma deve-se confundir a sublimação de formação de ideal do Eu com a sublimação das pulsões.”

Ademais, discorre o autor, Freud, baseado nos resultados dos estudos sobre a neurose e a psicose, concebe os dois destinos tomados pela libido depois que ela se retira dos objetos do mundo. É da função denominada imaginário, constituída por uma série de fenômenos, que ele abstrai as relações do sujeito com suas identificações formadoras e de onde

“particularizou o sentido preciso que recebeu o termo *imagem* em sua elaboração teórica e na prática clínica psicanalítica” (Nicéas, 2017, p. 89).

Nesse sentido, vale ressaltar que o histérico e o neurótico obsessivo, embora abandonem, a depender da extensão da doença, a relação com a realidade, conforme comprova a análise, em nenhuma circunstância suspendem a relação erótica com pessoas e coisas. Mantendo-a na fantasia, podem, a um só tempo, trocar os objetos reais por objetos imaginários de sua lembrança, misturar com estes, ou abdicar de realizar as ações motoras necessárias para atingir os propósitos desses objetos.

Em “O Eu e o Id” , Freud apresenta uma nova possibilidade de resposta para o momento de fundação do Eu, ao postular: “O eu é sobretudo corporal” (1923/2011, p. 32), em referência à profunda ligação entre o corpo e a construção da identidade e da psique humana. Na obra, Freud apresenta o Eu (ego) como uma instância mediadora da mente, que lida com as exigências do Id (os impulsos inconscientes), do Superego (normas sociais e morais) e da realidade externa. Ao afirmar que o Eu é sobretudo corporal, ele declara não tratar-se de uma instância puramente abstrata ou mental, mas enraizada em nossa existência física e sensorial.

Nicéas (2017, p. 19), ao revisitar a “Introdução do narcisismo”, tese freudiana que fundamenta a origem do eu, e “O estádio do espelho”, metáfora lacaniana que estabelece o momento em que a criança começa a se reconhecer como um ser separado do mundo, conclui: “Foi isso que a clínica do narcisismo confirmou a Freud, foi disso que tratou Lacan em seu “O estádio do espelho”: a concepção da instância psíquica do eu enquanto objeto libidinal, feita à imagem da forma do humano” .

A teoria psicanalítica postula que processos subjetivos realizados nas instâncias consciente, pré-consciente e inconsciente, resultam na formação do aparelho psíquico do sujeito, sua estrutura, o modo como lidar e agir acerca de seus desejos, impulsos, faltas, demandas e representações do imaginário, do simbólico e do real.

Dificuldades na percepção e capacidade de elaboração e resolutividade de conflitos, tendem a afetar diretamente a maneira como se dão as relações do sujeito com seu amor-próprio e com o erotismo, principalmente, quando submetidos à repressão demandada pelo ideal do Eu, o qual não tendo sido desenvolvido, pode se manifestar na personalidade, como perversão.

O protagonismo gradual que o narcisismo vem assumindo desde o final do século XX, particularmente após o surgimento das mídias virtuais, valida e corrobora essa constatação realizada por Freud há mais de um século e evidencia à luz da Psicanálise, o caminho percorrido pelo mitológico Narciso, de Ovídio.

2.2.3 A teoria lacaniana do estágio do espelho

No XV Congresso da Associação Psicanalítica Internacional, realizado no ano de 1936 em Marienbad, segundo os “Escritos”, Lacan (1998) apresenta a teoria de “O estágio do espelho”, por ele considerado o momento fundador da função do Eu na Psicanálise. Baseia-se na comparação estabelecida entre o bebê humano e o bebê chimpanzé, o qual, apesar de em dado momento da infância, superar o primeiro em inteligência funcional e também poder reconhecer sua imagem no espelho, não consegue elaborar o processo simbólico e imaginário característico do bebê humano.

Calligaris (2022), a partir de uma análise minuciosa dos fundamentos do narcisismo, primeiramente, sob o prisma da tese freudiana, considera que ele seja, desde o momento inicial, um modo da criança se amar como a mãe a ama. Daí o narcisismo fazer sua aparição deslocado sobre o novo Eu ideal, o qual à semelhança do ideal infantil crê-se possuidor de toda preciosa perfeição, para o olhar da mãe, que o idealiza e valida. Precisamente por isso, o olhar da mãe constituiria o narcisismo primário, através da invenção de um Eu infantil perfeito que a criança possa amar como a si mesma, sob os parâmetros do “Eu ideal”.

E, à luz das contribuições lacanianas, que agregam ao arcabouço construído por Freud, a diferenciação teórica entre “Eu ideal” e “ideal do Eu”. Mas mantém a necessidade da invenção do Eu, na transição do autoerotismo para o narcisismo, conforme estabelecido por Freud. Contudo, aqui o Eu infantil, é considerado uma decorrência do “Eu ideal”, o qual Lacan vê como uma miragem criada pelo amor parental. Logo, postula Calligaris, a sucessão inicial resultante da combinação dos construtos de Freud e Lacan, para o narcisismo primário, se configura em: “autoerotismo; amor parental não pelo Eu efetivo, mas desde já pelo “Eu ideal”; como miragem narcísica do adulto; constituição do Eu infantil por identificação especular como “Eu ideal” proposto pelo amor parental.” (Calligaris, 2022, p. 193)

Lacan (1998, p. 97) assim descreve o momento crucial da tese de “O estágio do espelho”:

A azáfama jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação [...] a matriz simbólica em que o [Eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito.

Convém observar a evidente correlação entre o narcisismo primário e o estágio do espelho, visto que esse momento de precipitação da criança na imagem idealizada de si mesma, lhe confere uma ruptura com o narcisismo primário, ao reconhecer a separação entre o corpo e o mundo. Por conseguinte, enquanto o narcisismo primário representa a completude pré-subjetiva, o estágio do espelho inaugura a relação do sujeito com o mundo simbólico e o desejo, marcando a transição para um “Eu” dividido entre o real e o imaginário.

Visando dirimir quaisquer dúvidas remanescentes a esse respeito, Lacan (1998), argui ser suficiente compreender o estágio do espelho seja compreendido como uma identificação, nos moldes estabelecidos para esse termo pela análise, logo, uma mudança realizada no sujeito quando ele assume uma imagem, inclusive, porque uma análise atenta a esse estágio, permite-nos reconhecer que o mundo narcísico próprio dessa fase, extrapola a fronteira do investimento libidinal no próprio corpo e adentra a estrutura mental.

(Lacan, 1998, p. 48), enfatiza, no sentido mais peculiar do mito de Narciso: "quer esse sentido indique a morte – a insuficiência vital de que proveio esse mundo –, quer a reflexão especular - a imago do duplo que lhe é central –, quer, ainda, a ilusão da imagem - este mundo, como veremos, não contém o outro.", pode-se, pois, inferir tratar-se de uma reflexão sobre a separação entre o plano da realidade concreta (o mundo) e a estrutura simbólica que regula a existência humana (o Outro), destacando a inevitável lacuna entre esses dois domínios.

Essa gama de processos estruturais, constituintes e constitutivos, estão presentes na elaboração do Eu, da subjetividade, ou seja, do jeito de estar e funcionar do sujeito no mundo, com suas ambivalências, desejos, fantasias, enfim, todos os elementos que compõem a experiência da vida humana tal qual se apresenta e, conforme infere a teoria lacaniana, sem o outro.

2.3 A cultura do narcisismo

Lasch (2023), cunha o termo “cultura do narcisismo” para designar a configuração sociocultural e política da sociedade norte-americana na década de 1970, marcada, segundo ele, por um individualismo e egocentrismo característicos de um narcisismo patológico, nunca antes manifestado .

Frente a esse contexto, convém corroborar o que Freud (2010, p. 20) infere:

[...] de onde vem mesmo a necessidade que tem a psique de ultrapassar as fronteiras do narcisismo e pôr a libido em objetos? A resposta derivada de nosso curso de pensamento seria, mais uma vez, que tal necessidade surge quando o investimento do Eu com libido superou uma determinada medida. Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar.

Lasch (2023, p. 25) elabora uma breve análise dos cenários sociopolítico, econômico e cultural que fez surgir a cultura, hoje instalada no mundo inteiro, segundo a qual “Viver para o momento é a paixão predominante - viver para si não para os que virão a seguir, ou para a posteridade”, parece ser a melhor alternativa frente à incapacidade do sujeito narcisista para lidar com as tensões e frustrações inerentes às demandas da vida contemporânea.

Ao elaborar uma análise entre os sujeitos que manifestaram neuroses clássicas nas décadas de 1940-1950, com os que no final dos anos 1970 buscavam os consultórios psiquiátricos queixando-se de sentimentos difusos como um senso de vazio, oscilações na autoestima e incapacidade de progredir, relatou ser notória a necessidade presente nos últimos, de se associar a figuras célebres, fortes, socialmente aceitas, com vistas a conquistar a aceitação e a felicidade que pudessem tornar suas vidas dignas de serem vividas, no modus operandi do desejo dos narcisistas.

O sujeito narcisista é o cerne dessa nova cultura, marcada pelas características que lhe são peculiares. Logo, sendo incapaz de amar, estabelecer laços e interações com outros, opta pelo individualismo extremo para se evadir da exposição às inseguranças e temores coletivos, fugir de possíveis rejeições, alimentar seus sonhos megalomaniacos de fama e poder. Lasch (2023, p. 78), postula, ele sonha “[...] Não há nada que eu não queira! Eu quero *isso*, e eu quero *aquilo*, e eu quero... ora, tudo!”

Chemama (1995), infere a constatação por Freud da existência de doenças narcisistas, a saber, as psicoses, a mania e a melancolia, que podem decorrer tanto de uma inflação desmedida do narcisismo quanto por sua depressão irreduzível.

Sujeitos narcisistas possuem características que têm sido objeto de estudos ao longo do tempo por suas peculiaridades e recorrência, dentre as quais, o egocentrismo, a manipulação e a dificuldade de autorregulação da autoestima, conforme (Lowen, 1983, p. 53 *apud* Ullrich; Rocha, 2019) explicitam:

A negação de sentimento, característica de todos os narcisistas, é sumamente manifesta em seu comportamento em relação a outros. Eles podem ser cruéis, exploradores, sádicos ou destrutivos para com outra pessoa porque são insensíveis ao sofrimento ou sentimento de outrem.

A cultura narcisista é também atravessada pelo consumo frenético de bens e serviços, estrategicamente desenvolvidos, produzidos e divulgados em estratégicas campanhas publicitárias cada vez mais assertivas e personalizadas. A necessidade de ter mais, ainda que seja mais do mesmo, de comprar, substituir e, até alugar produtos, sobretudo, após a adoção da estratégia mercadológica da obsolescência programada, que impele o consumidor à aquisição de artigos de ponta, dos modelos mais recentes, mais cobiçados, como acontece, por exemplo, com aparelhos celulares. Santi (2008), atribui à junção de propaganda e consumo, a composição da construção da subjetividade narcísica, dada a multiplicidade de produtos pensados e ofertados como indispensáveis para o sucesso e a felicidade dos sujeitos, uma dinâmica que pode gerar, dentre outros, transtornos compulsivos.

Canguilhem (2020), resguarda-se de emitir quaisquer definições taxativas quanto às instâncias do normal e do patológico, por compreender a densidade da questão. Antes, postula o normal como flexível e passível de transformação, a depender de cada indivíduo e/ou situação. Enquanto que o limite entre o normal e o patológico, ele afirma, é algo indefinido, uma vez que algo considerado como um padrão de normal para diversos indivíduos ao mesmo tempo, pode ser precisamente, o que constitui algo patológico para um único indivíduo de forma contínua.

2.3.1 O mundo virtual e a falácia da perfeição narcísica

Segundo o Relatório Digital 2024, as redes sociais contam hoje com 6 bilhões de usuários. O Instagram ocupa a quarta posição, atrás do Facebook, YouTube e WhatsApp. Os brasileiros passam em média nove horas e treze minutos conectados, diariamente, o que coloca o país em segundo lugar do ranking mundial para esse quesito, perdendo apenas para a África do Sul, cuja média é de 9 horas e 24 minutos.

O relatório aponta que em janeiro de 2024, o Brasil tinha um total de 144 milhões de usuários, 76,6% deles faziam uso de ao menos uma das plataformas citadas, sendo 55,6% mulheres e 44,4% homens. O Instagram contava com 134,6 milhões de usuários, dos quais 58,4% são mulheres e 41,6% homens, sendo a rede preferida entre os Millennials e Gen Z.

Chauí (2024), em sua análise acerca das mudanças provocadas pelo célere desenvolvimento e expansão das tecnologias virtuais, assevera: “Não houve uma mudança tecnológica, houve uma mutação civilizacional. [...] O mundo virtual é outra coisa e, em certa

medida, ninguém estava preparado para uma mutação deste calibre.”, e postula acerca das repercussões do fenômeno do ingresso da humanidade no mundo digital:

“[...] Está surgindo uma nova subjetividade, produzida por esse mundo digital. Primeiro, é uma subjetividade narcisista, ou seja, existir é ser visto, se você não é visto, você não existe. [...] como você depende, para ser visto, do olhar do outro, e você não tem o controle sobre o olhar do outro [...] e, como Freud dizia, o narcisismo é inseparável da depressão. [...] você tem uma subjetividade nova que é narcisista, depressiva e que depende, desesperadamente do olhar alheio. E por isso, ela depende do influencer, do coach, do não sei quem, ela depende de todos que garantem que ela existe [...] quando ela não tem esses olhares externos de garantia para si própria, ela entra em depressão [...] há estudos do aumento gigantesco da taxa de suicídio entre os jovens no mundo inteiro.”

É precisamente no contexto dessa subjetividade narcisista, que a contemplação narcísica se propaga e robustece, visto que o sujeito, conforme infere Carneiro (2007), tal qual Narciso, como que regrediu a um estágio de auto-absorção extrema, que o levou à incapacidade de amar aos outros, a uma busca constante por admiração e validação, por ter-se deixado abstrair apenas pela parte visível de sua realidade em si; logo, a perder a noção do todo e enveredar numa elaboração individualista, que permite estabelecer uma analogia com a dinâmica de vida e comportamento dos sujeitos objeto desta pesquisa. Afinal, esse desejo, essa busca frenética por aceitação e estrelismo nas redes sociais e, mais notadamente, no instagram, vem ratificar a afirmação de Lacan (1978, p. 120) de que “na relação narcísica, o eu é, com efeito, o outro, e o outro é o eu”.

Nesse sentido, Baitello Júnior (2005, p. 35), afirma:

É esse fenômeno de “devoração” imagética que possui quatro fases, sendo elas: homem devora o homem (cultura invade outra cultura e é incorporada por ela), homem devora a imagem (não mais são consumidas as coisas, mas seus atributos imagéticos, as imagens são consumidas em todos os seus aspectos: marcas, desenhos, ídolos, símbolos, logomarcas, entre outros), a imagem devora a imagem (que remete à utilização de imagens prévias como menção para a construção de novas imagens) e a imagem devora o homem (as imagens nos procuram e se apropriam de nós), uma vez que, para ele, “nossa era contemporânea pratica a iconofagia: ou nós devoramos as imagens, ou são as imagens que nos devoram”.

Embora narcisistas pareçam não requerer quaisquer contextos ou espaços particulares para se exibirem, é inquestionável que o ambiente do Instagram, os alça a um protagonismo sem precedentes como objeto desejante, fomenta ilusões de grandeza, sucesso e êxito individuais, tenha se revelado solo fértil para esses usuários que precisam tanto de uma audiência que as admire, quanto valide sua grandeza, por meio do número de seguidores, emojis, elogios, (re)postagens, etc., retroalimentando o ciclo de busca por aprovação,

pertencimento, enquadramento num padrão de vida marcado pela ostentação do êxito pessoal e profissional, luxo e beleza, inalcançáveis e quase sempre falaciosos, até para quem produz os conteúdos ali postos e subliminarmente impostos.

Kallas (2016) adverte sobre a existência de um estado de imersão e dissociação de consciência - experienciado por esses sujeitos quando expostos por longos períodos de tempo à contemplação narcísica de si mesmo ou de outrem nas mídias sociais - que envolve sensações variadas como a perda da noção de tempo, estar num estado de consciência alterado semelhante a um transe, encarnar, vivenciar uma outra persona diferente do seu Eu, sentir uma linha tênue que separa uma realidade virtual de uma real.

Cotidianamente evidencia-se a perda de parâmetros quanto ao que é público e o que deveria ser privado, no que tange à produção e publicação de conteúdo no mundo virtual. No Instagram, não é incomum se deparar com o excesso de exposição, de ausência de preservação da própria privacidade, por parte do usuário. Posta-se desde o banho matinal até o abraço em posição de conchinha, com o parceiro, antes que se apague a luz do quarto. O que nos remete à afirmação de Debord (1997, p. 19):

A alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado da sua própria atividade inconsciente) exprime-se assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo. A exterioridade do espetáculo em relação ao homem que age aparece nisto, os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que lhos apresenta.

O que pode-se considerar ratificado pela inferência de Ávila (2014), de que, no espaço digital há possibilidades de deparar-se com novas construções de identidades do indivíduo, uma vez que as mídias sociais são espaços nos quais o próprio sujeito estabelece, um cenário de atuação e um enredo fazendo de si um personagem que se projeta para fronteiras que dificilmente estabelecem com nitidez onde termina a realidade e começa a imaginação ou a distorção da realidade.

Essa dinâmica alienante tem afetado os processos de subjetivação do sujeito, por serem passíveis de provocar convergências psicológicas, como baixa autoestima, ansiedade, depressão, transtornos do sono e autorrejeição, decorrentes da frustração experienciada pela falta de êxito em atingir o patamar de perfeição internalizado em sua mente e reforçado pela exposição aos ambientes virtuais, nos quais não se publica qualquer imagem, mas aquelas cuidadosamente trabalhadas por filtros, concebidas e captadas para serem replicadas

narcisicamente, validando e reforçando, imagens de um estilo e padrão de sucesso nas diversas esferas da vida, poucas vezes alcançadas por quem quer que seja.

Rezende (2019) pontua que o conceito da autoimagem corporal abrange a representação que é construída na mente do sujeito a respeito do seu próprio corpo. A imagem corporal real e a idealizada, quase sempre, podem ser completamente diferentes, gerando uma avaliação negativa a respeito de si, uma insatisfação com seu corpo, que pode ser causada pela comparação com os padrões ideais de beleza estabelecidos socialmente e internalizados na mente do sujeito.

Enquanto Lima (2019) postula que estudos comprovam que a exposição prolongada a imagens de pessoas que são tidas como padrão de beleza nas mídias sociais está associada à insatisfação corporal. Os resultados apontam que ao serem expostas a essas imagens e estabelecerem comparações, houve uma redução na satisfação com o próprio corpo, tanto entre homens quanto entre mulheres. Aqueles que já possuíam algum tipo de insatisfação, apresentaram um aumento na intensidade dela, principalmente as mulheres. Sujeitos em sofrimento, com as mais diversas queixas e angústias, corroboram quão adoecida nossa sociedade tem se tornado. A clínica é uma prova irrefutável.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados da revisão bibliográfica e do contexto da saúde mental na contemporaneidade, consideramos ser possível afirmar que o mito de Narciso está sendo atualizado pelo excesso de contemplação dos sujeitos, sobretudo no Instagram, tendo como consequência a evidente dissociação da consciência e excesso de exposição dos sujeitos, que resultam da perda da privacidade nas subjetividades contemporâneas. Uma analogia com o mito de Narciso, visto o “espelho” Instagram, instalar, refletir e projetar o sujeito numa subjetividade rarefeita.

Considera-se plausível que, no contexto da mutação civilizacional, o narcisismo se impõe e impera como parte constitutiva de um mundo atópico, sem espaço para o concreto, para o encontro com o outro e para o acolhimento a si mesmo. A ausência de laços, de materialidade, a falta sempre presente e contínua, que os sujeitos buscam tamponar, que os leva a ver como única alternativa de aceitação, a criação de uma vida imagética que, em última instância, fala de sua solidão, seus medos, da certeza que carrega consigo de sua insuficiência e de que isso é tudo o que ele tem a oferecer.

Concluí-se que esses atravessamentos têm se manifestado na clínica, particularmente, nas convergências psicológicas relacionadas a esse ambiente contemporâneo e narcísico, adoecedor, descorporificado e majoritariamente onipresente, da virtualidade, o mundo dos “instagramáveis que resulta no aumento substancial de casos de suicídio, ansiedade, depressão, baixa autoestima, distúrbios do sono, dentre outros.

REFERÊNCIAS

- ÁVILA, J. T. M. de. O lugar das redes sociais na construção das identidades: quando as fronteiras entre o real e o imaginário se diluem. **Artefactum**, v. 8, n. 1, 2014.
- BAITELLO JUNIOR, N.. **A era da iconofagia. Ensaios de comunicação e cultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- BARTHES, R.. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis**. Tradução de David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- CALLIGARIS, C. **O grupo e o mal: estudo sobre a perversão social**. Edição Jurandir Freire Costa e Octavio Souza. Prefácio Jurandir Freire Costa. Tradução Jorge Bastos Cruz. São Paulo: Fósforo, 2022
- CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Tradução Mana Thereza Redig de Carvalho Barrocas. Revisão técnica Manoel Barros da Motta. Tradução do posfácio Piare Macherey e da apresentação de Louis Althusser, Luiz Otávio Ferreira Barreto Leite. 6.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- CARNEIRO, L. F. **Que Narciso é esse? (Mal-estar e resto)**. 1. ed. Fortaleza, 2007.
- CHAUÍ, M **Entrevistada no “Programa Dando a Real”, apresentado por Leandro Demori**. TV Brasil, 5 nov. 2024. Duração: 53min19s. Disponível em: <https://youtu.be/qLiBXRg4JAw?si=0sso-ggWPjAtovaS>. Acesso em: 22 nov. 2024.
- CHEMAMA, R. **Dicionário de Psicanálise**. Trad. Francisco Franke Settineri, Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.
- DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FREUD, S. (1897). **Carta 71**. in S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 1, p. 356-359). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1900) **A interpretação dos sonhos**. In: _____. Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1914) **Sobre o narcisismo: uma introdução**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v.14. 2010.

FREUD, S. (1909) **Dois histórias clínicas - “O pequeno Hans” e “O homem dos ratos”**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. Obras completas, v. 12. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009

KALLAS, M. B. L. M. O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 38, n. 71, 2016.

LACAN, J. (1936) **Os complexos Familiares na Formação do Indivíduo. Campo Freudiano no Brasil** (Org.). Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2013.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: _____. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Revisão técnica de Antonio Quinet e Angelina Harari. Preparação de texto de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, p. 238-324, 1998.

LACAN, J. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LACAN, J. **Le Séminaire, livre II, Le Moi dans la Théorie de Freud et dans la Technique de la Psychanalyse**. Seuil, 1978. p. 120. [Ed. bras.: O Seminário, livro 2, O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

LASCH, C. **A cultura do narcisismo: a vida americana em uma era de expectativas decrescentes**. Trad. Bruno Cobalchini Mattos. São Paulo: Fósforo, 2023

LAPLANCHE; PONTALIS. **Vocabulário da psicanálise**. Direção de Daniel Lagache. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LIMA, R. A. R. **Relação entre mídias sociais e transtornos de autoimagem em mulheres**. TCC (Trabalho de Conclusão do Curso de Nutrição) - Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2019.

NASIO, J. D. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

NICÉAS, C. A. **Introdução ao narcisismo: o amor de si**. Coleção Para ler Freud. 2a ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira. 2017.

OVIDIO, N. P. **Metamorfoses**. Tradução de Antonio Ruiz de Elvira. Madrid: Alma Mater, 2017.

PENA, A. N. **Eco e Narciso**. Leituras de um mito, autores e textos da antiguidade, seguidos de uma antologia de autores portugueses ou de língua portuguesa. Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2017.

REZENDE, B. B. **Transtornos alimentares: a influência das mídias sociais na percepção da imagem corporal de jovens e adolescentes**. TCC (Trabalho de Conclusão do Curso de Nutrição) - Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2019.

ULLRICH, A.; ROCHA, G. A. da. A era do narcisismo: Condutas narcísicas na sociedade contemporânea. **Cadernos da Fucamp**, v.18, n.36, p.35-50, 2019.